


DO PRAZER DO SOFRIMENTO DA CULPA AO PRAZER DA PRODUÇÃO ESTÉTICA. CONSIDERAÇÕES SOBRE MÁ CONSCIÊNCIA EM NIETZSCHE

Adilson Felicio Feiler¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

 <https://orcid.org/0000-0001-7352-927X>

E-mail: afeiler@unisinossinos.br

RESUMO:

O problema da má consciência, em Nietzsche, ocupa uma parte central de suas reflexões que se depreendem, de maneira particular, da Segunda Dissertação de *Para a genealogia da Moral*. Dado o fato do sofrimento ser diagnosticado como uma das expressões do niilismo da cultura ocidental, não se tem como negá-lo, mas sim, desenvolver formas de como concebê-lo, ou seja, de como conviver com este. Desse modo, ao invés do sofrimento atuar como prazer na culpa, da qual demanda a fraqueza e a impotência, este atuaria como um sentimento de prazer em criar, ao descarregar um quantum de força que se expresse na obra de arte. Ao otimizar o sofrimento, como produção estética, Nietzsche estaria transfigurando a má consciência ao ultrapassar o niilismo.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche; Má consciência; Culpa; Sofrimento; Estética.

FROM THE PLEASURE OF GUILT'S TRIAL TO PLEASURE OF AESTHETICS PRODUCTION. CONSIDERATIONS ABOUT BAD CONSCIENCE ON NIETZSCHE

ABSTRACT:

The problem of bad conscience, on Nietzsche, holds a central part of his reflections that it is understood, particularly, of Second Dissertation of *For genealogy of moral*. Given the fact of trial to be diagnosed as one expression of occidental culture's nihilism, can not deny it, but, develop forms for conceive it, that is, forms of rub shoulders with it. Thus, rather than of trail acting as pleasure on guilt, of witch demands weakness and powerlessness, this would act as feeling of guilt on create, when unloading a quantum of force that be expressed in work of art. When optimizing the trail, as aesthetics production, Nietzsche would be transfiguring bad conscience when overcoming nihilism.

KEYWORDS: Nietzsche; Bad conscience; Guilt; Trial; Aesthetic.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre – RS, Brasil. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS, Brasil.

Introdução

A origem da consciência moral está vinculada a uma culpabilidade que deita raízes no conceito material de dívida, na base de uma relação interpessoal, social. Portanto, ela está implicada profundamente pela cultura, o que leva, mais uma vez, a perceber a origem da má consciência como um problema de matriz cultural. Assim, todo o empreendimento humano, visando buscar atingir um todo, é vazio, pois encontra-se despersonalizado, perdido nas malhas de um todo sistêmico desvinculado dos instintos que inspiram a experiência real. Por essa razão, a aparência, ou ideal, “[...] não interessa, porque não há, de maneira alguma, um processo conjunto [...] não há nenhum todo, toda depreciação da existência humana e das metas humanas não podem ser feitas com vistas a algo que de modo algum existe...” (NIETZSCHE, 1999, p. 37). A consciência, pensada sob estes moldes do ideal e da aparência só pode resultar em má consciência já “[...] que a meta não é a ampliação da consciência, mas a elevação do poder, na qual é concomitantemente computada a utilidade da consciência, tanto como prazer quanto como desprazer. (NIETZSCHE, 1999, p. 37) Encarada como meio, a consciência visa ao desenvolvimento das capacidades humanas até a manifestação de pontos maximizados de potência que dissolvem a memória da inflexibilidade da norma e da lei e ativa o esquecimento de tudo o que foi para construir a existência em novas bases.

Embora tenha anunciado a culpa, o efeito de seu peso não diminui, pelo contrário: aumenta a todo momento que se olha para o instrumento do supliciado. O peso moral se enraíza na vida do devedor de modo a se expressar em sentimentos de má consciência sempre mais fortes. Não tendo como pagar essa dívida, aumenta a culpa, e, ao mesmo tempo, um sentimento de culpa e dever que se voltam para trás contra o próprio devedor que está imerso no castigo eterno. Diante desta situação, este é privado de tudo, restando apenas um anseio niilista.

Desse modo, se o ser humano não pode fazer nada para sair dessa situação, só poderá fazê-lo o próprio Deus, que como credor assume a culpa do devedor, por amor do seu devedor. (NIETZSCHE, 1999 p. 331) Contudo, todos pecaram e a culpa é, portanto, de todos, fazendo nascer um sentimento de culpa e de remorso coletivos, com um aumento crescente de se sentir incapacitado de agir em prol do pagamento da dívida – um instrumento de culpa, de má consciência provocado pela culpa coletiva, pela culpa em rebanho. Scarlett Marton recorda que se trata de um “[...] ‘indivíduo coletivo’. Ser gregário por excelência é reconhecido como bom pela moral do ressentimento.” (MARTON, 2000, p. 92) Ao assumir uma dimensão coletiva, a culpa torna-se ainda mais acentuada, o que faz com que a má consciência da mesma forma se torne mais insuportável, bem como a relação entre dívida e castigo que daí se deriva, pela interiorização da hostilidade. Nesse âmbito restaria apenas uma saída, a da produção estética. A arte seria uma espécie de antídoto purgativo em mio à dor e ao sofrimento. Ou seja, se faria do sofrimento mesmo o produto artístico do gênio.

Nossa reflexão principia com uma análise do efeito domesticador da má consciência, para, em seguida, constatar que esse efeito domesticador possui uma dimensão institucional com fortes repercussões psicológicas e que, finalmente, não pode ser vencido, mas sublimado sob o caráter da produção estética.

A má consciência como mecanismo domesticador cruel

A má consciência aprisiona e reprime o ser humano no indivíduo domesticando-o e o impedindo de ser o que ele é, de se auto-afirmar. A sociedade tem, no Estado, um dos mais fortes mecanismos de domesticação. O seu reconhecimento e exaltação é, nas palavras de Giacoia, a garantia da manutenção da comunidade. “O devotamento ao Estado e à sua grandeza é a meta

que supera a indigência dos egoísmos individuais – é à glória do Estado que o indivíduo se consagra e por ela se sacrifica. É nela que ele se reconhece e, pela magnitude dos seus feitos, guardada na memória e no canto dos poetas, alcança a imortalidade do seio da comunidade.” (GIACÓIA, 2014, p. 62) O Estado é aquele monstro frio que se impõe com o intuito de despertar temor, e fazer sentir mal. Tal martírio tem, pois, a sua culminância no sentimento religioso. Se a dívida para com o Estado que se encarna na vida social já é fonte de tão altos sentimentos de mal-estar, então a dívida para com Deus só pode levar este mal-estar até os cumes mais altos, a ponto de não mais se avistar saída alguma, tornando-se refém eterno de sua culpa. Ou seja, tornando-se refém de si mesmo, o que representa uma crueldade psíquica. (NIETZSCHE, 1999, p. 332) elevada a sua máxima potência.

Dessa crueldade o que se pode esperar é nada senão uma vontade reativa, de atribuir o mal contra si mesmo. Contudo, quanto mais se lhe aplica castigo, tanto mais faz-se sentir culpado. O castigo passa a operar como combustível da culpa, mediante o qual se vê enredado na armadilha que lhe preparou sua própria consciência tornada má e impiedosa; em outras palavras, tornada enferma. É uma consciência tornada enferma pelos mecanismos coletivos, seja Estado ou Igreja, ambos carregam o peso de um “não”, um interdito que, ao invés de mover para frente, move para trás. Ou seja, tende apenas a garantir o sentimento de culpa. Diante disso, somos levados a nos perguntar: como pode o homem continuar vivendo assim, neste eterno suplício?

Identifica-se aqui um mecanismo típico das artimanhas destes aparatos sociais niilistas – o oferecimento de um prêmio futuro, de um Reino Eterno de prosperidade. Estes, ao se mostrarem ao psiquismo, atuam nele como uma espécie de anestésico, impedindo com que se depare com o nada do turbilhão psicológico. Estes expedientes paliativos constituem o produto de um niilismo teórico, o qual, ao manter o aprisionamento da má consciência com uma promessa futura, impede com que se pense no niilismo. O criar sobre o nada é o que ainda mantém a vida, cruel, impedindo o sobrepeso de um niilismo psicológico, frente ao qual nada se cria, pela depressão inerente ao descobrir que nada há. O Cristianismo foi, neste sentido, a instituição que mais assegurou essa forma de niilismo teórico mediante o seu prometer tudo, mas não dar nada. Pelo menos o Budismo, apesar de não dar nada, não promete nada. O budista é um tipo estóico consequente

[...] aqui se compreende que também não se poderia odiar o mal, que não se poderia resistir e ele, que também não se pode conduzir a ele, que também não se pode conduzir uma guerra contra si mesmo: que não se acolhe apenas o sofrimento que uma tal práxis traz consigo; que se vive totalmente nos sentimentos positivos; que se torna o partido dos adversários com palavras e ações; que se empobrece o solo dos outros estados por meio de uma superfecundação dos estados pacíficos, benévolos, conciliadores, solícitos e carinhosos... que se necessita de uma práxis incessante. O que se alcança aqui? – O tipo budista. (NIETZSCHE, 1999, p. 125)

Em função do asseguramento do Deus cristão o homem teve que ser crucificado, mutilado e reduzido à mais vil de todas as criaturas. Uma criatura caracterizada como:

[...] o tipo inconsequente: conduz-se uma guerra contra o mal – acredita-se que a guerra em virtude do bem não tem a consequência moral e de caráter que a guerra de outro modo traz consigo (e em virtude da qual as pessoas a abominam como má). De fato, uma tal guerra contra o mal degenera de uma maneira muito mais fundamental do que qualquer hostilidade entre pessoas; e, normalmente, ‘a pessoa’ chega até mesmo a se imiscuir uma vez mais, ao menos de maneira imaginária, como opositora (o diabo, os espíritos maus etc.). O comportamento, a observação, a espionagem hostil e, relação a tudo ao que nos é tornado possível e que poderia ter uma origem terrível termina com a

constituição mais torturante e inquietante: de modo que agora ‘milagre, pagamento, êxtase, solução da transcendência se tornam desejáveis ... o tipo cristão – o resmungão perfeito. (NIETZSCHE, 1999, p. 125-6)

No *Anticristo*, o Cristianismo é apresentado como tendência vampiresca sobre o Império Romano. “Roma pregou um Cristo, que não resistiu à terceira tentação; ela declarou que não poderia escapar de um império terreno e proclamou justamente por meio daí o Anticristo”. (NIETZSCHE, 1999 p. 151) Os impérios grego e romano tinham, em seus deuses, uma existência mais leve, feliz e livre. Em suas divindades o homem se considerava um animal divinizado, o que lhe garantia o afastamento de toda e qualquer tendência de má consciência. Logo, a tendência que se manifesta no homem diante das divindades era a de luta e não submissão, de nobreza e não miséria, de força e não compaixão, de riso e não gravidade, até de loucura e inocência, mas não pecado. Ora, todos estes sentimentos, alimentados entre os gregos, eram o que lhes garantia confiança em si mesmos, alegria, júbilo, por mais duro, ruim e funesto que se mostrasse o destino. Havia um sofrimento, mas um sofrimento sadio, pois despertava força e autoconfiança e não esmorecimento, passividade diante de uma instância externa que aprisiona a consciência e a mantém infeliz, e pior ainda, o fazendo em rebanho. Diferentemente de Freud, para quem a civilização e a coletividade ocupa um papel importante para a gênese da individualidade, “Nietzsche aponta para o alto preço que o animal humano pagou para se tornar civilizadamente razoável.” (VIARO, 2012, p. 384) E neste processo civilizatório o castigo constitui uma de suas grandes consequências alimentadas pela má consciência, um sofrimento interior de culpabilidade. Para o filósofo alemão “[...] as origens da consciência, culpa e da moralidade em si mesma reside no balanceio das relações sociais.” (Greer, 2002, p. 10) Isso alimenta, ainda mais, a perda de confiança em si e em suas capacidades, agravando o peso de má consciência pela construção de cada ideal, de cada inversão que passou com o tempo, a ser santificada. Sacrificou-se o homem em nome da construção de edificações niilistas, por meio da violação de sua consciência.

Com todos estes mecanismos niilistas, o homem se autotortura (*selb-turquälerei*) para escapar ao niilismo, ao último e mais audacioso golpe destruidor que o niilismo psicológico quer impetrar. Com isso, o homem, pela pressão de abandonar suas propensões naturais, assume propensões artificiais niilistas propaladas pelos veículos sociais e institucionais que se irmanam à má consciência. A não naturalidade destes ideais niilistas lança golpes impiedosos e mortíferos contra os sentidos, os instintos, a natureza, o mundo e a vida. Pelo cansaço, conformismo e submissão, o homem vai se rendendo a estes ideais societários para não ter que sucumbir ao desafio da natureza das alturas, do frio, da secura. O homem é levado a se estabelecer no âmbito da aparência e dos valores propugnados pela sociedade, que não são outros senão os da paz, do pacto, da tranquilidade, do não enfrentamento.

Contudo, isso foi antes da instituição do Estado. “Para os fins polêmicos da *Genealogia*, esse argumento tem importância decisiva. Ele permite desconstruir a teoria do pacto como fundamento de inteligibilidade, historicizando formas distintas de organização comunitária” (GIACÓIA, 2014, p. 80) originadas a partir do âmbito da paz e de um pacto social, mas que se servem, desde a sua base, de lutas intestinas, de um embate pelo empenho da força. Assim é uma sociedade que aposta em “um partido de paz, sem sentimentalidade que proíbe a si e a seus filhos de realizar guerras, que proíbe que se sirva de tribunais, que provoca a luta, a contradição, a perseguição contra si; um partido dos oprimidos.” (NIETZSCHE, 1999, p. 93) É uma sociedade que reluta contra a força e tudo o que implica em gestos de impor-se. O âmbito da sociedade e da paz evita tudo o que repercute em risco e desafios. Contudo, sucumbir a tais desafios é ter que enfrentar o abismo do niilismo psicológico, do grande nada. Isso exige uma grande maestria: a do salto à distância. O homem terá que possuir um impulso muito grande a

fim de, num salto, atravessar o abismo do nada e atingir o outro lado. Isso exige preparo, técnica, força, disposição, saúde, não qualquer saúde, mas uma grande saúde. (NIETZSCHE, 1999, p. 336) Somente um homem dotado de uma grande saúde será capaz de empreender a grande travessia, a grande ultrapassagem por sobre o abismo niilista da modernidade. Eis a grande meta a que se impôs o filósofo de Naumburg: a ultrapassagem da modernidade atribuída àquele homem do grande sim “[...] o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador.” (NIETZSCHE, 1999 p. 336) O seu intento de redimir a realidade é o de ultrapassar a modernidade. Quais os meios que o filósofo alemão se utilizará para que tal meta seja realizada, tendo em vista a forte dimensão institucional e psicológica da má consciência?

A má consciência enquanto mecanismo institucional psicológico

A ultrapassagem da modernidade não corresponde ao negar, mas afirmar a terra e a sua finalidade, o homem dotado desta capacidade vence “[...] Deus e o nada.” (NIETZSCHE, 1999, p. 336) Ou seja, vencem os artifícios do niilismo teórico e o abismo do niilismo psicológico, vence a modernidade, o grande cataclismo tal como premeditado pelo filósofo alemão.

Eu descrevo o que virá: a ascensão do niilismo [...] creio que há uma grande crise, um instante da mais profunda aut meditação do homem: é uma questão de sua força saber se ele se restabelecerá daí, se ele se tornará senhor dessa crise: é possível... Finalmente, ele ousa uma crítica dos valores em geral; ele reconhece a sua proveniência; ele reconhece o suficiente para não acreditar mais em valor algum; o pathos se faz presente, o novo horror... O que narro é a história dos próximos 200 anos. (NIETZSCHE, 1999, p. 56-7)

Nietzsche não estabelece, neste aforismo, um fatalismo com respeito à superação do niilismo. Ele vê como possível tal superação, pois depende de sua força, que é justamente o que move à superação para não sucumbir num passivismo inerte e deletério. Por essa razão, o que move a reflexão do filósofo de Naumburg, em grande parte, é a busca de uma elevação da cultura, que acabou sucumbindo a valores deletérios, incapazes de encerrar o niilismo de frente. Frederick Copleston em seu trabalho *Nietzsche Filósofo da Cultura* diz que “[...] Nietzsche preocupa-se, em primeiro lugar, com a elevação do homem a um tipo superior; [...] é uma filosofia assertiva, exortatória e dinâmica. Pretende uma transmutação de valores com o fim de conseguir aquilo que julga ser a verdadeira cultura.” (COPLESTON, 1979, p. 54) Copleston, reflete o que o filósofo alemão, em última análise, entende por cultura: “[...] um processo de vida, natural, original, criador e genuíno, e não um conjunto de conhecimentos dessa natureza, mas tais conhecimentos não devem considerar-se essenciais.” (COPLESTON, 1979, p. 59) Caso tais conhecimentos vierem a ocupar o lugar central em nossas reflexões, estaremos contribuindo para que a cultura venha a sucumbir.

Sucumbir a valores deletérios é prostrar-se diante de ideias que sacralizam a verdade e a bondade e que hostilizam a vida. Não basta guardar-se de sucumbir àqueles mecanismos sociais niilistas que procuram manter evidente o aspecto teórico do niilismo. É preciso encerrar de frente o niilismo psicológico sem deter-se nele, mas superá-lo, tal como um salto no abismo, de modo a se atingir o outro lado. O lado do grande sim à vida, o lado que afirma – *amor fati* – “[...] é preciso ainda livrar-se da culpa e da má consciência. Nessa empreitada, que seja dito em adendo, celebram em Nietzsche o filósofo da afirmação jubilosa, esquecendo talvez que o *amor fati* é, antes de mais nada, a aceitação incondicional do sofrimento como parte integrante da existência.” (MARTON, 2004, p. 222) Portanto, o oposto ao movimento nadificador do niilismo, seja em sua forma teórica ou psicológica. Werner Stegmaier, sobre a auto - superação do

niilismo, lembra que, em Nietzsche, este é um problema que cabe a cada um lidar: “[...] enfrentá-lo sem reservas, levá-lo ao extremo a partir de si mesmo.” (STEGMAIER, 2013, p. 256)

O peso do não dos juízos sócio institucionais, embora provenientes de um niilismo teórico, e, portanto possíveis, deveria conduzir o fraco caniço, o homem, na dura travessia do niilismo. Assim, a sua passagem se daria pelo niilismo psicológico até atingir a região do grande sim à vida. Aquela região não contaminada pelos efeitos maléficos da má consciência pela carga institucional do niilismo teórico. Embora este último impeça que se pense no niilismo a fim de não tornar-se depressivo e não construir nada, ou seja, não sucumbindo ao niilismo psicológico. Ainda assim o niilismo teórico deve ser superado, já que seu efeito é paliativo no sentido de não permitir a dissolução no caos e acabe mantendo o homem fora da esfera dos sentidos, dos instintos do mundo, da terra e da vida para fazê-lo acreditar num ideal. É este ideal, gerado nas diversas organizações institucionais, provoca a má consciência por impedir os instintos de se expressarem. Cristalizam-se em um mundo ideal, o que resulta numa hostilidade à vida; são nada mais senão “[...] ideias do animal de rebanho – culminando como a suprema avaliação da ‘sociedade’: tentativa de lhe dar um valor cósmico, sim, metafísico.” (NIETZSCHE, 1999, p. 65)

O ideal provocado pelo rebanho torna a consciência, que deveria ter um papel de trânsito, de comunicabilidade, a partir dos efeitos do mundo exterior e das nossas ações, como síntese de unidades fictícias voltadas para trás. A marca gregária do rebanho tem, no ideal, o fator impeditivo para a ação, e, portanto, para a afirmação da vida, o único caminho possível para a travessia do caos do niilismo psicológico. Essa travessia é um: “[...] momento da vida, o próprio ato de verdade procurando intensificação; ele é, como vontade de verdade, vontade de poder.” (STEGMAIER, 2013, p. 60) Portanto, qual o tipo de homem capaz de realizar essa travessia? Ou seja, que tipo de homem é capaz de viver nesse mundo moderno? “Não é minha questão o que redime o homem: mas que tipo de homem deve ser escolhido, querendo cultivá-lo como dotado de um valor mais elevado...” (NIETZSCHE, 1999 p. 191) Já que é somente um tipo elevado de homem capaz de enfrentar o destino que se anuncia: a ascensão do niilismo. Apolinário, ao comentar passagens do filósofo de Röcken sobre o ultrapassamento civilizatório, diz que “[...] a autêntica cultura sugere a coexistência dessas potências vitais em hierarquia apenas momentâneas, implicando o ultrapassamento do desequilíbrio decorrente da relação civilizatória domesticação-dominação.” (Apolinário, 2013, p. 06)

O niilismo se expressa, à nível individual, na simples vontade

[...] como causa prima” (Nietzsche, 1999, p. 308) do homem. Na relação causal de que a minha ação se dá graças à vontade que a desencadeia, mesmo sendo uma vontade considerada “livre”, fez com que a ação seja condicionada pela moral do homem. Portanto, uma ação quando querida é uma ação consciente, “[...] toda ação perfeita é claramente consciente e não mais querida, a consciência expressa um estado pessoal imperfeito e com frequência doentio. (NIETZSCHE, 1999, p. 310)

Esta vontade livre, ao inspirar uma ação, por ser querida, é consciente, tem na moral, inoculada pelo consenso gregário, o seu princípio e fundamento. Por isso, a consciência, expressa pela vontade querida, tolhe a ação, enquadrando-a aos moldes do rebanho. A vontade querida é a intenção por trás da ação, uma intenção moldada pela lógica da causalidade racional (civilizada) gregária. É uma lógica que nem pode ser demonstrada, pois está fundada num plano valorativo que despreza a ação e os instintos para atingir o plano da unidade, da alma, da essência. Esta sucessão causal de sentimentos, da relação de si para consigo mesmo pode se tornar visível na consciência, o que representa um tornar real o fictício e tornar falso o instintivo tal como é

experimentado.

Portanto, um experimentar singular e irrepitível, e não compartilhado socialmente. Ou: um experimentar individual de signos comuns que apontam para uma pluralidade perspectivística de interpretações. “Por meio desse uso individual, ou seja, por causa das margens de manobra para interpretação dos signos, os indivíduos se colocam uns em relação aos outros como indivíduos.” (STEGMAIER, 2013, p. 146) Robert Pippin, ao enfatizar “[...] o perspectivismo epistemológico de Nietzsche, [e] seu ataque à instituição da moralidade em favor de uma ética naturalística” (PIPPIN, 2006, p. xiii), é também tributário de uma leitura de Nietzsche que, passando pelo perspectivismo culmina num naturalismo. O perspectivismo é, principalmente um ataque frontal àquela noção tradicional de verdade. Na dimensão do perspectivismo, segundo Helmut Heit, “[...] arte e ciência se juntam numa força criativa, jocosa e formativa. [...] A arte não tem um compromisso com o critério de verdade, em todo caso não com aquele de uma verdade capaz de representar adequadamente; ela pode, contudo, expressar a verdade.” (HEIT, 2017, p. 387) Neste sentido, dado o seu descompromisso com a verdade metafísica, como a arte pode servir de canal sublimatório que permita a superação do nihilismo que se depreende da má consciência?

Má consciência e sofrimento artístico

A singularidade da experiência, expressa sob a perspectiva dos signos, quebra a superstição dos direitos iguais e toda a dogmatização baseada em princípios prévios como pontua Walter Kaufmann. É preciso um: “[...] experimento destemido e a boa vontade de aceitar novas evidências e abandonar posições prévias.” (KAUFMAN, 1968, p. 86) Logo, “[...] aquilo que impele à ação não é a necessidade, mas a plenitude, que se descarrega em direção a um estímulo.” (NIETZSCHE, 1999, p. 592) A plenitude do instante, que cada um usufrui pela sua capacidade de agir, ao demandar um máximo de força rompe o prumo nivelador do igualitarismo medíocre: “[...] a mistura social, consequência da revolução, da produção de direitos iguais, da superstição de que há ‘homens iguais’.” (NIETZSCHE, 1999, p. 367) Dada a magnitude da farsa da igualdade dos homens nos deparamos com o caráter perspectivístico que demanda de cada centro força que determina um tipo de ação e resistência específicos (NIETZSCHE, 1999, p. 371), de cujo jogo se constitui o mundo. O conjunto das forças constituídas pelas ações e reações escapa ao controle da consciência, não depende dela. Pois não se enquadra na lógica da razão causal e sim na dinâmica anímica própria do mundo orgânico. Decorre do conjunto destas forças uma infinitude que não pertence ao mundo mas, como pontua André Luis Mota Itaparica, do próprio bojo da multiplicidade interpretativa. “O mundo se tornou, assim, quanto à sua extensão, infinito. Mas a nova infinitude de Nietzsche não repousa na extensão do mundo, e sim de sua própria multiplicidade inerente.” (ITAPARICA, 2004, p. 100) O pluralismo de interpretação evoca a ação inerente aos mecanismos interpretativos, que não permitem repouso ou estagnação.

A ação escapa, inclusive, a todos os mecanismos valorativos. Sua magnitude se alça para além de todas as formas de cerceamento moral que responde a interesses de ordem gregária e que subsiste segundo uma ordem própria do perspectivismo da consciência de uma ficção subjetiva. A consciência de um sujeito para além do atuar é frontalmente confrontada com a ordem de expansão da força, da vontade de potência, que é o mundo vivente por si mesmo: Trata-se de uma consciência moral ligada a um sentimento de fraqueza, impotência, baixaza, de considerar todo o elevado e forte como mau. Esta sintomatologia tende a reduzir a ação a um pessimismo atentando contra o princípio de afirmação da vida, a meta da humanidade, a existência social sem perder a sua referência singular. Por essa referência se entende que “[...] a meta da

humanidade não pode situar-se no fim, mas apenas nos mais altos espécimes.”(KAUFMAN, 1968, p. 319) Ou ainda conforme Pippin pontua, Nietzsche leva a afirmar o destino, com uma disposição ativa, como algo aberto. (Pippin, 2006, p. 116-7)

A partir de um exemplo concreto, que é o de o portador de uma enfermidade contagiosa gerar um filho, o filósofo alemão mostra as propensões que uma consciência moral pode tomar reduzindo o valor da vida a uma cadeia fisiológica degenerada. “Colocar uma criança no mundo, no qual não se tem por si mesmo o direito de estar, é pior do que roubar uma vida. O sífilítico que gera uma criança fornece uma causa para toda uma cadeia característica de uma vida: uma vida equivocada, ele cria uma objeção contra a vida, ele se mostra um pessimista da ação; com certeza, por meio dele, o valor da vida é reduzido ao indeterminismo.” (NIETZSCHE, 1999, p. 401-2)

O pessimismo tolhe a ação por imputar um peso de responsabilidade tão grande sobre ela que não se pode suportar. Por essa razão, ao invés de enfrentar, agir, lutar se refugia no contra movimento da vingança: a ação cede lugar à reação do movimento da vingança. A única ação querida é aquela “[...] pensada como residindo na consciência” (NIETZSCHE, 1999, p. 425) como garantia de um Deus que a controla. Controle este que se expressa mediante mecanismos institucionais que atuam a nível psicológico, como é o caso da Igreja no âmbito religioso e da Estado no âmbito civil. Estes mecanismos de controle social impedem a manifestação anímica original, referente ao indivíduo. A recusa de se colocar afirmativamente diante da vida com o peso mais pesado que dela demanda, o fato é dar vazão à emergência da má consciência, com a imputação da culpa e do castigo. O afastamento do indivíduo dele mesmo, em função da massa gregária, é o fundamento principal da má consciência. Por deixar de afirmar a vida, que é um conjunto de forças, para afirmar o seu contrário, a não vida, a verdade proclamada em rebanho, se reforça a consciência moral com um status civilizacional.

A consciência, ao impedir o esquecimento, garante que a ação esteja sempre sob a tutela de Deus, não é vista sob as suas consequências, mas sempre em conformidade a uma lei. A consciência moral, ou má consciência é caracterizada, assim, por estar ligada à interiorização de uma lei e, por depreciar a vida que eleva os conceitos naturais de bem e mal. Portanto, é uma voz interior que se mostra hostil à vida e a tudo o que a promove.

Desse modo, a ação passa a ser vista não conforme as suas consequências, os fatores fisiológicos ativados por ela, e sim conforme a sua intenção, que são todos aqueles fatores sobrenaturais que falsificam a vida e sua disposição orgânica: “[...] nós buscamos o fundamento de um pensamento, antes de nos conscientizarmos dele: e, então, entra em cena pela primeira vez na consciência o fundamento e, em seguida sua consequência...” (NIETZSCHE, 1999, p. 459) Quando buscamos a origem de nossas ações em causas interiores e em experiências anteriores que ficaram guardadas na consciência tendemos a nos agarrar a falsas ficções deturpando nosso mundo interior com o problema do fundamento. O estar preso a este fundamento impede a possibilidade de se criar novos valores, que, por sua vez, promovem ações enaltecidas da vida. “De fato, a consciência moral rejeita uma ação porque essa ação se tornou reprovável. Ela apenas repete: ela não cria nenhum valor.” (Nietzsche, 1999, p. 461) Repetem-se aqueles valores que são estimulados pela opinião pública, influenciada pelo instinto gregário de matriz fundamentalmente cristã.

A dimensão instintual aponta para a pluralidade de perspectivas, e estas constituem em forças que se afirmam a todo instante de plenitude que atingem. Cada instante pois constitui em uma configuração estética pelo criar, canalizado pelo descarga de força, promovida pelo sofrimento.

Conclusão

Os valores que permeiam o Cristianismo doutrinário desprezam as particularidades em nome dos direitos iguais; desse modo, tanto o degenerado, doente como o saudável, o forte, são postos no mesmo nível. Consiste tudo isto num pacto de mediocridade orquestrado pela sociedade. “A sociedade, como grande mandatária da vida, tem de responsabilizar cada vida equivocada diante da própria vida.” (NIETZSCHE, 1999, p. 599) Essa responsabilidade recai, sobretudo, no igualitarismo a ela imanente, que impede a diferença fundamental para a que a vida seja promovida em todos os seus âmbitos. Não levar em consideração o papel da diferença conduz ao problema da estagnação das forças e, com isso, ao problema da passividade frente ao niilismo. Logo, tal passividade produz o sentimento de culpa, que é o solo de onde nasce a má consciência. Diante disso, todo o julgamento é feito com base no princípio do igualitarismo, com base nos critérios previamente determinados pela coletividade.

A culpa consiste, acima de tudo, num dispositivo gregário. Há, no culpado, um sentimento de esquecimento de si em favor do rebanho. Em tudo, o culpado implora pela sociedade e pela paz e não pela guerra e o enfrentamento; nele, o que importa é ver a sua dívida quitada para com a sociedade. Contudo o seu valor é tão alto que jamais poderá saldá-la, o que é causa ainda de maior fraqueza e sentimento de incapacidade.

A culminância desse sentimento de fraqueza aponta para uma das formas que o niilismo assume: o niilismo psicológico. Frente a essa modalidade de niilismo nada se cria, pois se coloca na posição de passividade extrema diante da vida, abdicando, inclusive, daquilo que constitui o humano enquanto tal: uma pluralidade anímica de forças em luta no campo agonístico da vida. Esse campo anímico de forças se realiza na individualidade de cada ser humano.

Logo, ultrapassar os limites dessa individualidade é impedir com que as forças sigam sua livra vazão para moldá-las segundo um padrão social pré-estabelecido. Este faz com que toda a gama de pulsões instintuais, ao invés de se expressarem, se voltem para trás, ou seja, se interiorizem. O interiorizar destas forças é o que caracteriza, basicamente, a má consciência. Portanto, uma consciência que perdeu a sua capacidade de ampliação, assenhoreamento e domínio, para recluir-se ao interior de um eu dominado pelo peso das impositões da moral do rebanho. Romper este aprisionamento das forças instintuais representa o ultrapassamento da Modernidade. O projeto de um altrapassamento do Modernidade não representaria um não dispor-se ao peso dos mais pesados, consignado pela fórmula *amor fati*? Ao assumir este peso não estaria dimensionado a pôr-se como canal veiculador da produção estética?

Referências

- APOLINÁRIO, J. A. F. A genealogia do mal-estar: civilização e moral em Nietzsche e Freud. In: *Revista Reflexões-Ce*, Ano2, n. 2, Janeiro a junho de 2013.
- AZEREDO, V. D. de. *Nietzsche e a dissolução da moral*. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.
- COPELSTON, F. *Nietzsche. Filósofo da cultura*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.
- GIACÓIA, O. Jr. *Nietzsche. O humano como memória e como promessa*. 2ª ed. Petrópolis: Editoras Vozes, 2014.
- GREER, S. Freud's 'Bad conscience': The case of Nietzsche's Genealogy. *Journal of History of the Behavioral Sciences*, Vol. 38(3), 303–315 Summer 2002 .
- HEIT, H. Ascese e Gaia Ciência na “Genealogia da Moral” de Nietzsche. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, no 137, Ago./2017, p. 373-389.
- ITAPARICA, A. L. M. O novo “infinito”: perspectivismo e interpretação. In: *Caminhos percorridos e terras incógnitas. Encontros Nietzsche*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- KAUFMANN, W. *Nietzsche, philosopher, psychologist, antichrist*. Princeton: Princeton University Press, 1968.
- MARTON, S. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- MARTON, S. *A irrecusável busca de sentido*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. Genealogie zur Moral. In: COLLI, von Giorgio; MONTINARI, Mazzino (Herausgegeben). *Kritische Studienausgabe*. Berlin: Verlag de Gruyter, 1999. Bd. 5.
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. W. *Nachgelassene fragmente: Herbst 1887 bis März 1888*. In: COLLI, von G.; MONTINARI, M. (Herausgegeben). Achte Abteilung. Berlin: Walter de Gruyter, 1999. Bd. 13.
- NIETZSCHE, F. W. *Fragmentos Póstumos: 1887-1889*. Vol VII. Rio de Janeiro: Gen/Forense Universitária, 2012.
- PIPPIN, R. B. *Nietzsche, psychology, and first philosophy*. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.
- STEGMAIER, W. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- VIARO, R. V. Da moral nietzscheana ao mal-estar freudiano. Algumas aproximações e decorrências éticas. In: *Etilos Clínicos*, São Paulo, v. 17, n. 2, jul./dez. 2012, 373-395.

Autor(a) para correspondência: Adilson Felício Feiler, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Av. Unisinos, 950 -Cristo Rei, CEP 93020-190, São Leopoldo-RS, Brasil. afeiler@unisinos.br